



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

HIPERATIVIDADE EM CRIANÇAS NAS SERIES INICIAS

NATÁLIA CAVALCANTE DANTAS

NATAL-RN

2016

NATÁLIA CAVALCANTE DANTAS

HIPERATIVIDADE EM CRIANÇAS NAS SERIES INICIAS

Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia, na modalidade a distância, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da professora Carmélia Regina Silva Xavier.

NATAL-RN

2016

HIPERATIVIDADE EM CRIANÇAS NAS SERIES INICIAS

NATALIA CAVALCANTE DANTAS

Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia, na modalidade a distância, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Esp. Carmélia Regina Silva Xavier (Orientadora):
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Ms. Klébia Ribeiro da Costa
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Dr^a. Tereza Cristina Leandro de Faria
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

HIPERATIVIDADE EM CRIANÇAS NAS SERIES INICIAS

Natalia Cavalcante Dantas¹

Carmélia Regina Silva Xavier²

RESUMO

No século XXI a escola e a família vêm enfrentando diversos problemas comportamentais na escola e, em especial, a hiperatividade. Durante o período de estágio foi possível observar que os alunos diagnosticados com hiperatividade, muitas vezes, eram tratados como incapazes por apresentarem comportamentos diferentes dos demais alunos. Por essa razão, o presente trabalho tem como objetivo conhecer os sintomas que podem diagnosticar uma criança com Hiperatividade e identificar como mediar o processo de ensino nesses casos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada a partir de estudo bibliográfico ancorado em autores como Muszkat (2012), Silva (2003), Mattos (2005), Barkley (2008), dentre outros. O artigo Ao realizar essa pesquisa, verificou-se que, apesar dos professores já terem algum conhecimento sobre o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade, as crianças com esse diagnóstico apresentam prejuízos no seu processo de aprendizagem devido à ausência de práticas pedagógicas específicas.

PALAVRAS-CHAVE: Aluno. Escola. Hiperatividade. Professores.

ABSTRACT

In the XXI century the school and the family are facing many behavioral problems at school and, in particular, hyperactivity. During the probationary period it was observed that students diagnosed with hyperactivity, were often treated as unable to have different behaviors of other students. Therefore, this study aims to know the symptoms that can diagnose a child with hyperactivity and identify how to mediate the teaching process in these cases. This is a qualitative survey from bibliographical study anchored in authors like Muskat (2012), Silva (2003), Mattos (2005), Barkley (2008), among others. Article By conducting this research, it was found that despite the teachers already have some knowledge about the disorder Attention Deficit Hyperactivity Disorder, children with this diagnosis have impairments in their learning process due to the absence of specific teaching practices.

Keywords: Student. School. Hyperactivity. Teachers.

¹ Aluna: Natalia Cavalcante Dantas, Graduanda em Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Email: natalia.fisioterapia@hotmail.com

² Professora. Carmélia Regina Silva Xavier, e-mail: carmeliaxavier@hotmail.com.br

1. INTRODUÇÃO

No século XXI a escola e a família vêm enfrentando um problema especial de contexto social escolar, o fenômeno da Hiperatividade. O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), se caracteriza como um transtorno neurobiológico, de causas genéticas, que aparece na infância e frequentemente acompanha o indivíduo por toda a sua vida, ou seja, é uma desordem do déficit de atenção, e muitas vezes é confundido como mal comportamento e indisciplina.

Diante desses conceitos e sabendo do número crescente de crianças que a cada dia aparecem nas escolas, o presente trabalho visa responder a seguinte problemática: como ocorre o processo de ensino aprendizagem dos alunos com diagnóstico de hiperatividade?

Esse artigo tem como objetivo geral conhecer os sintomas que podem diagnosticar uma criança com Hiperatividade e como objetivos específicos conhecer a história da hiperatividade, além de compreender o processo de ensino e aprendizagem das crianças hiperativa dentro da sala de aula e identificar a melhor forma de mediar o processo de ensino para essa clientela.

Trata-se de um estudo bibliográfico de vertente qualitativa e tem como aporte teórico as contribuições de Muszkat (2012), Silva (2003), Mattos (2005), Barkley (2008), dentre outros.

O presente trabalho está dividido em duas seções. A primeira, apresenta a definição de hiperatividade, dividindo-se em duas subseções apresentando um breve histórico sobre a hiperatividade.

A segunda aborda o processo de ensino aprendizagem com crianças hiperativas, a metodologia na sala de aula com alunos hiperativos, o planejamento e o processo de avaliação no trabalho com esses alunos e como deve acontecer a mediação do professor com crianças hiperativas em sala de aula.

Por fim, o artigo vai apresentar as considerações finais, descrevendo os resultados do estudo em relação à temática trabalhada, seguidos das referências que deram suporte às discussões.

Espera-se que esse trabalho possa contribuir para o redimensionamento da prática pedagógica dos professores que possuem alunos diagnosticados hiperativos, uma vez que os estudos mostram a potencialidade desses alunos. Porém, essa potencialidade só será aflorada

se o docente tiver consciência de como poderá trabalhar com esse aluno numa perspectiva de fazê-lo avançar cognitivamente, afetivamente e socialmente dentro das suas limitações.

2.DEFINIÇÃO DE HIPERATIVIDADE

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH é uma síndrome heterogênea caracterizada por desatenção, tendência a distração, impulsividade e excessiva atividade motora em graus inadequados a etapa do desenvolvimento. A hiperatividade atinge 6% a criança e pré-adolescentes de todo o mundo, esse transtorno é também conhecido como transtorno de conduta.

O TDAH vem acompanhado de impulsividade e durante este estudo pode se observar que o estudante hiperativo mostra um nível de atividade bem maior que outras crianças da mesma idade, que acaba por incomodar bastante as pessoas ao redor.

É preciso destacar a importância de identificar a hiperatividade de forma correta, sem causar constrangimento na criança e na família como acontece em algumas situações das crianças serem apelidadas de burro por colegas, preguiçoso, sem graça, ou ainda, quando o próprio professor deixa de acompanhar o desenvolvimento do aluno achando que é uma criança danada, que fala demais ou que tem dificuldade de interação.

Além de evitar situações constrangedoras como essas citadas acima, um diagnóstico correto e obtido precocemente vai evitar a falta de acompanhamento e tratamento adequados, tendo em vista que um diagnóstico errado ou um não diagnóstico podem contribuir de forma negativa no desenvolvimento da criança.

Segundo Gentile (2000), “o processo de avaliação para se chegar a um diagnóstico envolve a coleta de dados com os pais, com o aluno e com o professor” (p.30), para que identifique traços de Hiperatividade. A mesma pode começar na criança com o sentimento de revolta pela separação da família ou perda de entes queridos. Geralmente essas crianças se sentem rejeitadas, e para chamar a atenção dos outros para eles, os mesmos fazem de tudo, por isso causa transtornos como não aceitar fatos, ficar triste para conseguir algo que deseja, ou chorar para não fazer algo simples como ir à escola.

Desatenção, hiperatividade e impulsividade são os principais sintomas do TDAH, ou seja, um distúrbio neuropsiquiátrico mais comum nas crianças e está incluído entre as doenças crônicas mais prevalentes entre escolares. Assim sendo:

É possível identificar esse problema em alunos que tem falhas atencionais ou de processamento da informação tendo dificuldade para acionar um processamento visual refinado, o que comprometerá o acesso fonológico exigido para a realização da leitura e escrita de um sistema alfabético (CARDOSO, 2011, p. 52).

Algumas crianças, entretanto, podem apresentar sintomas de hiperatividade como resultado de ansiedade, frustração, depressão ou de uma criação imprópria. Alguns sintomas podem ser identificados nas crianças que estudam desde fase da infância até a pré-adolescência, como por exemplo: não presta atenção em detalhes, cometem muitos erros por descuido em atividades e trabalhos, tem dificuldade em manter a atenção em atividades lúdicas, não consegue entender as instruções dos professores, não termina seus deveres escolares e nem as tarefas domésticas propostas pelos pais.

Além disso, tem bastante dificuldade em organizar suas tarefas em casa e na escola, recusa fazer atividade que exijam esforço mental como interpretar uma historinha em quadrinhos, perde facilmente coisas necessárias para suas atividades escolares, se distraí com estímulos alheios à tarefa principal que está executando, apresenta esquecimento em atividades diárias.

Normalmente a impulsividade e a desatenção são os sintomas de crianças e adolescentes que sofrem de Hiperatividade. Posteriormente, diversos teóricos citados por Barkley (2008) usaram a teoria das lesões precoces, leves e despercebidas para explicar as deficiências no comportamento e na aprendizagem.

O estudante com TDAH tem dificuldade de concentrar-se e distrai-se com facilidade, esquece seus compromissos, perde ou esquece objetos, tem dificuldade em seguir instruções, em se organizar, fala excessivamente, interrompe, não consegue esperar sua vez, respondendo a perguntas antes mesmo de serem formuladas.

A hiperatividade ocorre por falta de regulação nos neuro-transmissores, provocando dificuldades em prestar atenção na aula, distraindo-se facilmente, no entanto, não tem um método de limitação, então os psicoestimulantes estimulam a produção desses neuro-transmissores que estão deficientes (ARAÚJO, 2003).

Conhecido como o distúrbio do neurodesenvolvimento mais comum nas crianças, o TDAH compreende três categorias principais de sintomas: desatenção, impulsividade e hiperatividade que se manifestam em ambientes diferentes e causam comprometimento funcional, principalmente na escola (BARKLEY, 2008). Esse transtorno chega a acompanhar o indivíduo até em sua fase adulta, principalmente na fase da adolescência, atingido o rendimento escolar, em alguns casos, alunos chegam no 5º ano do Fundamental I sem saber ler e escrever direito, muito agitado, não para dentro da sala de aula e não se compromete com as atividades escolares.

2.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE A HIPERATIVIDADE

A história do TDAH teve suas primeiras referências relacionadas aos transtornos hipercinéticos que foram registradas na literatura médica. Segundo Petry (1999), essas referências apareceram na metade do século XIX, onde a hiperatividade foi primeiramente chamada de um defeito do controle moral, mas somente no início do século XX começou-se a descrever o quadro clínico de uma maneira mais sistemática.

Os sintomas da hiperatividade tiveram destaque na década de 70, passando a ter um estudo de investigação valorizando os sintomas de desatenção, em alunos com déficits atencionais sem hiperatividade (APA, 2000). Destaca-se que a hiperatividade acompanhada pelo o déficit de atenção são problemas comuns em crianças e se baseia nos sintomas de desatenção.

Petry (1999), destaca ainda que na década de 80, com surgimento da terceira edição do DSM-III, (Manual Diagnóstico e Estatístico de Desordens Mentais), cunhou-se o termo distúrbio de déficit de atenção, podendo ou não ser acompanhado de hiperatividade.

Ressalta-se que em pleno século XXI o TDAH é caracterizado pela falta de controle da criança sobre a atenção, a impulsividade e excessiva atividade motora, e que muitas crianças têm sido diagnosticadas com hiperatividade e desatenção e em seguida medicadas para amenizar a problemática. Segundo Eidt e Tuleski (2004), verifica-se que essas crianças têm sido diagnosticadas com “transtorno do desenvolvimento do autocontrole que consiste em problemas com os períodos de atenção, com o controle do impulso e o nível de atividade” (p.15).

No Brasil, a hiperatividade, segundo Nass e Ross (*apud* PETRY, 1999), é chamada de “transtorno” em vez de “distúrbio”. Entretanto, os professores começam a perceber a dificuldade nos alunos dentro da sala de aula, que se caracteriza como sintomas do TDAH. Isso ocorre quando o professor promove situações planejadas para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem e nesses momentos os alunos começam a apresentar dificuldade de relacionamento, falta de concentração, limites e respeito às regras.

Essas dificuldades, “caracteriza-se pela dificuldade na modulação da atenção, no controle dos impulsos e na capacidade que o aluno controla seu próprio nível de atividade motora, sendo um dos principais transtornos no desenvolvimento infantil (MUSZKAT, 2012, p. 15). Um aluno que tem transtornos é difícil ter autocontrole, em alguns casos chega

a ser antissocial, agindo de modo a atrapalhar a aula, reunião, derrubar a comida do colega, rasgar o livro entre outros.

É importante ressaltar que, apesar do professor ser o primeiro a perceber tais sintomas, ele não é o profissional adequado para diagnosticar o aluno. Nesses casos, o professor precisará conversar com a família e com toda a comunidade escolar para que a criança possa ser encaminhada para um especialista da área.

O TDAH é um distúrbio neuropsiquiátrico mais comum no período da infância e está incluído entre as doenças crônicas mais prevalentes entre escolares. Segundo, Lancet (2004) este é denominado na medicina de desordem, podendo afetar crianças, adolescentes e até mesmo alguns adultos.

Existem algumas causas que podem contribuir para desenvolver a hiperatividade, como por exemplo, paralisia cerebral, retardo, certas síndromes genéticas, problemas congênitos durante a gestação como pré-eclâmpsia, uso de álcool, fumo e drogas durante a gestação, além de problemas situacionais, como um contexto familiar conturbado, com brigas, agressões ou separação dos pais.

Em relação a esses fatores de risco, Barkley (2008), diz que “devem tratar o estudante hiperativo de forma adequada, sendo esse atendimento próprio para alunos com lesões cerebrais”(p.327), ajudando-o a obter êxito em seu processo de ensino aprendizagem.

Porém em discordância do uso de medicação, Muszat (2012) diz em estudo de eficácia de tratamento do TDAH que não devem se restringir apenas ao uso de medicação ou técnicas psicoterápicas, portanto, programas de intervenção do TDAH requerem essencialmente a participação de equipe interdisciplinar, além do envolvimento da família e dos serviços educacionais.

O aluno hiperativo deve ser tratado como um aluno normal e acompanhado pela equipe escolar e familiar, pois se forem trabalhados de forma pedagogicamente correta, acabarão gostando de tudo em volta, principalmente ao que se refere à escola.

Vale salientar ainda que, os enfeites de parede em salas de aula, em roupas ou em objetos dos colegas podem tirar a atenção do aluno durante a explicação do professor no momento da aula, até suas próprias mãos ou pés.

Informações com as apresentadas acima são de grande importância para que o educador e demais profissionais possam trabalhar de forma mais adequada com a problemática e garantir o direito desses alunos.

2.2 Mediação do professor com crianças hiperativas em sala de aula

Mediar é uma linguagem que trata a forma como o professor conduz as atividades de ensino e de aprendizagem. Essas atividades envolvem a reflexão por parte dos alunos e a construção ou reconstrução de saberes.

Para Vygotsky (2003), a linguagem é o signo mediador por excelência na constituição do homem, pois ela carrega em si os conceitos generalizados e elaborados pela cultura humana desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento do pensamento, assim como na evolução da consciência como um todo.

Nessa mesma linha do pensamento, é possível citar Freire (1996) quando afirma que:

[...] a ação docente é a base de uma boa formação escolar e contribui para a construção de uma sociedade pensante. Entretanto, para que isso seja possível, o docente precisa assumir seu verdadeiro compromisso e encarar o caminho do aprender a ensinar. Evidentemente, ensinar é uma responsabilidade que precisa ser trabalhada e desenvolvida (p.245).

O profissional da educação necessita saber conceitos básicos, como: educação, sociedade, aprendizagem, conhecimento para obter êxito em sua atuação. Segundo Piaget, o conhecimento não pode ser concebido como algo predeterminado desde o nascimento, nem como resultado do simples registro de percepções e informações (empirismo): o conhecimento resulta das ações e interações do sujeito no ambiente em que vive. Todo conhecimento é uma construção que vai sendo elaborada desde a infância, por meio de interações do sujeito com os objetos que procura conhecer, sejam eles do mundo físico ou do mundo cultural. O conhecimento resulta de uma inter-relação do sujeito que conhece com objeto a ser conhecido, e essa inter-relação é essencial nos alunos com hiperatividade.

Voltando para Vygotsky “não se pode educar a outrem diretamente”, não é possível exercer uma influência direta e produzir mudanças em um organismo alheio, só é possível educar a si mesmo, isto é, modificar as reações inatas através da própria experiência (VYGOTSKY, 2003, p.75).

Porém, esse mesmo autor, nega que “o educar tenha a prática mística de ‘modelar a alma alheia’, e isso acontece é precisamente porque reconhece que sua importância é incomensuravelmente maior” (VYGOTSKY, 2003, p.76).

Reuven (2014) ressalta na educação a formação do professor na mediação da aprendizagem, cujos princípios são derivados da Teoria da Experiência da Aprendizagem Mediada

de Reuven que tem por objetivo: desenvolver a consciência da importância do papel do mediador na promoção das habilidades cognitivas, afetivas e sociais inerentes aos processos de pensamento e de aprendizagem; apresentar e discutir os critérios necessários à mediação efetiva em vários âmbitos de interação: professor/aluno, terapeuta/paciente, gerente/subordinado, etc.; instrumentar os profissionais para melhorar a sua atuação como mediadores nos contextos acadêmico, empresarial, reabilitativo, social e familiar.

A experiência de aprendizagem mediada ajuda as pessoas a se tornarem mais flexíveis, para que suas formas de raciocínio e assim, possam interagir com novas informações, por meio de estratégias novas de percepção dessas informações. Educar e/ou conviver com estudante Hiperativo é um desafio enorme e os familiares, amigos e colegas de pessoas com esse diagnóstico deveriam possuir formação adequada para tal atuação. É importante oferecer oportunidades para que esses alunos possam se sentir parte integrante do meio em que vive, seja esse espaço a escola ou a sua residência.

Por essa razão, deve ser proposto aos alunos diagnosticados como hiperativos movimentos monitorados desses alunos, como por exemplo, uma ida à secretaria, levantar para apontar o lápis, levar um bilhete para o professor, regar as plantas, ou seja, fazê-lo perceber que ele faz parte daquele ambiente e é importante para todos os envolvidos no seu dia a dia, podendo executar tarefas iguais a todos os demais colegas.

Os profissionais em educação devem se adaptar à realidade proporcionada pela presença dos alunos diagnosticados como hiperativos, assim como os ainda não diagnosticados. Para isso, se faz necessário ter conhecimento de como lidar com essas situações, considerando as deficiências e inabilidades decorrentes do TDAH (GOLDSTEIN, 2004).

O aluno hiperativo e impulsivo precisa adquirir habilidades como fazer consultas em livros mesmo com ajuda de adultos, entender o que lê, tomar notas, fazer pequenos resumos, redigir conclusões de histórias, interpretar imagens, gráficos e dados. Santos (2013) destaca que o aluno deve realizar experiências e discutir os resultados obtidos e, ainda, usar instrumentos de medida quando necessário, bem como observar e compreender as relações que existem entre os problemas atuais e o desenvolvimento científico.

Os alunos com problema de hiperatividade são tão capazes de se desenvolver como qualquer outra criança que apresentem problemas de aprendizagem como: Transtorno de Desafiante de Oposição – TDO, Dislexia, Transtorno de conduta – TC, Discalculia, Transtornos de humor, entre outros.

A distinção dos tipos de TDAH entre si segundo APA (2000) requer aprofundamento, uma vez que as diferenças de sintomatologia predominante parecem refletir não só diferenças comportamentais, mas também cognitivas, etiológicas e desenvolvimentais, assim como necessidades terapêuticas distintas.

Tais reformulações e divergências têm vindo a contribuir para a heterogeneidade das amostras e dos dados obtidos. Constituem exemplo disso, as variações de prevalência decorrentes do recurso a diferentes sistemas de diagnóstico (TAYLOR & COLS., 2004).

Ressalta-se que toda criança que sofre de Hiperatividade deve passar por psicólogos para que o tratamento seja feito de forma adequado, e também para tornar o aluno mais organizado dentro da sala de aula e no convívio familiar. A conceptualização do TDAH não só tem sido alvo de sucessivas reformulações, como apresenta diferenças em função do sistema de classificação nosológica.

3. O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM COM CRIANÇAS HIPERATIVAS

As metodologias do ensino ditas tradicionais quando utilizadas pelo professor não costumam proporcionar aulas atrativas para os alunos, pois essa forma de ensinar se baseia apenas na utilização do livro didático de forma mecânica, no quadro e na reprodução do conhecimento.

Se esta forma de ensinar não atrai os alunos ditos "normais" quem dirá aqueles diagnosticados hiperativos que apresentam dificuldades em se adequar a modelos e regras. Sendo assim, muito se tem a pensar sobre as metodologias a serem utilizadas na sala de aula e muitos autores trabalham nessa perspectiva de conseguir avançar em formas mais eficazes de realizar o trabalho pedagógico.

Para Fernández (1998), as reflexões sobre o estado atual do processo ensino aprendizagem nos permite identificar um movimento de ideias de diferentes correntes teóricas sobre a profundidade do binômio ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, é válido destacar que

A aprendizagem escolar tem um vínculo direto com o meio social que circunscreve não só as condições de vida das crianças, mas também a sua relação com a educação e estudo, sua percepção e compreensão das matérias. A consolidação dos conhecimentos depende do significado que eles carregam em relação à experiência social dos alunos e jovens na família, no meio social, no trabalho (LIBÂNEO, 1994, p. 87).

O processo de ensino-aprendizagem para ser eficaz se dá na apropriação de conhecimentos, no desenvolvimento intelectual e físico do aluno, como também na formação de valores, sentimentos, afetos e qualidades, que alcancem os objetivos propostos, para que promova as ações coletivas. Para Vygotsky (1991), a formação se dá numa relação dialética entre o sujeito e a sociedade – o homem modifica o ambiente e o ambiente modifica o homem, isso para todos os alunos, sem exceção.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), traz para a discussão pedagógica aspectos de excepcional importância e, em particular, no que se refere ao modo como se devem entender as relações entre desenvolvimento e aprendizagem. Essas relações ocorrem de modo relevante na relação interpessoal desse processo e também, na relação entre educação e cultura da ação educativa ajustada às situações de aprendizagem e às características da atividade mental construtiva do aluno em cada momento de sua escolaridade.

É possível afirmar que a aprendizagem promove aumento da autonomia e do sentimento de segurança do aluno, possibilitando novas formas de pensar e agir. Dessa forma, trabalhar o processo de aprendizagem com alunos hiperativos irá contribuir bastante para tentar diminuir, por exemplo, a impulsividade, característica muito forte nos alunos com esse diagnóstico.

Em relação a essa discussão, Silva (2009) diz que:

A impulsividade dessa criança pode levá-la a falhas no desempenho desejável para a delicada tarefa de interagir socialmente. Em alguns momentos, pode atropelar a atividade do grupinho com interrupções ou gestos bruscos, querer dominar as brincadeiras e impor regras e insistir indelicadamente na continuidade da brincadeira, sem se dar conta de que os coleguinhas já estão cansados (p. 17).

Para ensinar crianças impulsivas, Libâneo (1994), defende que: “a função principal é garantir o processo de transmissão e assimilação dos conteúdos do saber escolar e, através desse processo, o desenvolvimento das capacidades cognoscitivas dos alunos” (p. 28). Sendo assim, o professor deverá planejar, dirigir e comandar o processo de ensino com vistas a estimular e suscitar a atividade própria dos alunos para a aprendizagem.

O professor precisa ter noção da problemática (hiperatividade, desatenção, impulsividade, outros transtornos) do seu aluno, para que possa ajudá-lo da melhor maneira possível, mediando a caminho do desenvolvimento cognitivo do aluno.

3.1 A METODOLOGIA NA SALA DE AULA COM ALUNOS HIPERATIVOS

A disciplina no momento da aula, para Gentile (2000), está diretamente ligada ao estilo da prática docente, ou seja, da postura e da autoridade do professor em sala de aula. Ele precisa dominar a dinâmica da sala de aula sem autoritarismo, mas com determinação e firmeza. Esse comportamento colocará os alunos dentro de uma rotina onde momentos sincronizados serão executados e tudo isso fará os alunos se adaptarem às suas exigências.

Nessa dinâmica, os alunos hiperativos irão sentir dificuldade para segui-la, porém é importante tentar envolvê-los como se os mesmos não tivessem diagnóstico de hiperatividade, tratando de uma forma natural, mas sempre respeitando seus limites e as características comuns no comportamento de hiperativo.

Um dos problemas de se trabalhar com crianças com diagnóstico de Hiperatividade Infantil é não saber que as atitudes e comportamentos da criança têm uma causa, uma justificativa e, conseqüentemente, não saber como aproveitar os pontos positivos para ajudar a criança avançar cognitivamente. Daí a importância do trabalho em conjunto com a família para tentar conhecer melhor o aluno e também, da formação do professor em relação aos estudos voltados a esse distúrbio.

A escola precisa proporcionar caminhos para que de fato ocorra o processo de aprendizagem de todos os alunos, sejam eles hiperativos ou não. E para que esse caminho seja trilhado, se faz necessária a participação de todos. Para que isso aconteça por parte da escola, é muito importante conhecer a criança, sua realidade social, percebê-la e ouvi-la, com um olhar e uma escuta afetivos (GENTILE, 2000).

O acompanhamento da família somente nos deveres de casa, não é suficiente. Essa relação deve ser a mais estreita possível, proporcionando uma maior integração participativa da família na escola, resultando assim num melhor conhecimento das crianças e, portanto, numa maior qualidade do trabalho pedagógico.

Uma das metodologias que o professor poderá utilizar é na hora das atividades olhar sempre nos olhos da criança, principalmente quando dialoga com ela, o educador pode “trazer de volta” um aluno com Hiperatividade, através dos olhos nos olhos. É muito importante a relação de respeito entre professor e aluno, para que o portador do TDAH tenha

boa convivência e melhor desenvolvimento da sua autônoma e confiança em si mesmo. Nesse sentido, faz-se importante saber que

As estratégias metodológicas são aprendizagem ativa, centrada no aluno e em sua realidade social; professor como facilitador e estimulador; aprendizagem cooperativa; gestão participativa da escola; avaliação contínua e processual e promoção flexível (ANDRADE; DI PIERRO, 2004, p.37).

O professor utiliza sua metodologia dentro da sala de aula de acordo com seu planejamento de modo a contemplar as habilidades e competências em todas as disciplinas daquele ano de escolaridade, sem deixar de pensar nas particularidades voltada aos alunos com TDAH, registrando sempre em seus planos de aulas qual estratégia utilizar com os alunos diagnosticados, a fim de obter êxito.

Isso se faz necessário porque os alunos com esse transtorno têm dificuldades em perceber o que acontece no espaço onde estão inseridos, pois além de não prestar atenção as orientações em um determinado momento, não param quietos e não conseguem seguir as instruções como fazem os alunos que não apresentam tal diagnóstico.

Pensando sempre no desenvolvimento do aluno, o professor precisa ficar atento a alguma característica típica da hiperatividade naqueles alunos não diagnosticados. Segundo Silva (2003), “[...] caso perceba sintomas característicos em algum aluno, oriente a família a procurar ajuda” (p. 80). Essa tarefa do professor é fundamental para o bom andamento do trabalho pedagógico em sala de aula.

Apesar do professor não ter o dever nem o direito de diagnosticar o aluno com alguma deficiência, o olhar sensível do docente fará toda a diferença na hora de encaminhar esse aluno para uma análise clínica e detalhada dos sintomas observados. Atitudes como essa ajudará ao aluno a ser diagnosticado e acompanhado o mais cedo possível, além de ser um fator importante que irá contribuir para o desenvolvimento de todos os alunos daquele professor.

Vale salientar que o profissional da educação poderá se deparar com famílias que resistem em aceitar a possibilidade do filho ter alguma deficiência e, dessa forma, resistir em levar o aluno para essa análise clínica. Diante de uma postura como essa por parte dos familiares, a escola precisa se unir para convencer a família a levar o aluno para a análise clínica, mostrando e explicando o quanto é importante que esse diagnóstico e acompanhamento sejam definidos o mais breve possível.

3.2 O PLANEJAMENTO E O PROCESSO DE AVALIAÇÃO COM ALUNOS HIPERATIVOS.

O planejamento serve para organizar as ideias e para garantir ao professor um direcionamento didático que o ajude a dinamizar o processo de ensino e de aprendizagem dos seus alunos, principalmente os portadores de TDAH, pois sabe-se que ensinar é um ato complexo, por isso é preciso um planejamento bem acompanhado por seus coordenadores para que facilite os objetivos que deseja trabalhar no processo de ensino.

Planejar é um processo de busca de equilíbrio entre meios e fins, entre recursos e objetivos, na busca da melhoria do funcionamento do sistema educacional. O processo do planejamento não corre em um momento do ano, mas a cada dia. A realidade educacional é dinâmica. Os problemas, as reivindicações não têm hora nem lugar para se manifestarem. Assim, decide-se a cada dia a cada hora (SOBRINHO, 1994, p.3).

Além disso, o planejamento não deve ser feito para um longo período de tempo, pois é a partir do desenvolvimento dos alunos que os próximos planejamentos serão realizados de modo a atender as necessidades da turma, seja uma turma com ou sem alunos hiperativos.

Os professores precisam ter em mãos esse plano abrangente dentro do espaço escolar, pois o planejamento deve ser entendido como ação formativa e de desenvolvimento profissional, serve de oportunidade para construção e enraizamento de uma cultura colaborativa e de produção de conhecimentos sobre as práticas pedagógicas que se expressam na sala de aula.

Para Coaracy (1972), "o planejamento educacional é um processo contínuo que se preocupa com o para onde ir, e quais as maneiras adequadas para chegar lá tendo em vista a situação presente e possibilidades futuras" (p.70), para que o desenvolvimento da educação atenda tanto as necessidades do desenvolvimento da sociedade quanto às do indivíduo.

Os conteúdos escolares que os professores devem trabalhar com crianças que sofrem de TDAH devem retratar a experiência social da humanidade no que se refere a conhecimentos e modos de ação, transformando-se em instrumentos pelos quais os alunos assimilam, compreendem e enfrentam as exigências teóricas e práticas da vida social.

Dessa forma, constituem o objeto de mediação escolar na prática de ensino, no sentido de que a assimilação e compreensão dos conhecimentos e modos de ação se convertem em ideias sobre as propriedades e relações fundamentais da natureza e da

sociedade, formando convicções e critérios de orientação das opções dos alunos frente às atividades teóricas e práticas postas pela vida social (MARTINS, 1991).

O tratamento de alunos com TDAH supõe intervenção psicológica, pedagógica e médica, sendo esta a questão central para o psicopedagogo, além de técnicas de mudança de comportamentos. O TDAH repercute na vida do aluno levando-o a prejuízos em múltiplas áreas, como a adaptação ao ambiente acadêmico, relações interpessoais e desempenho escolar (ARNOLD e JENSEN, 1995; BARKLEY, 2008).

A avaliação formal da qualidade de desempenho, geralmente, acontece na fase de avaliação somativa, porém uma avaliação adequada para alunos com TDAH consiste na participação interdisciplinar de diversos profissionais, sendo eles: psicólogo, neurologista e psiquiatra.

Segundo Rohde *et al.* (1999), para ser estabelecido um diagnóstico, os sintomas devem causar comprometimento em dois ou mais diferentes contextos, alguns dos sintomas causadores desse prejuízo estão presentes antes dos sete anos de idade, apesar desse último critério ter sido questionado em pesquisas de campo mais recentes.

O transtorno pode ser caracterizado pela combinação dos sintomas distração, impulsividade e hiperatividade. É a partir desse trio que irá se desenvolver o universo do TDAH, que oscila da plenitude criativa a exaustão de um cérebro que nunca para (SILVA, 2003, p.20). Todas essas características já citadas anteriormente, devem ser consideradas no momento do planejamento e da avaliação dos alunos hiperativos, daí a necessidade da interação da equipe que acompanha o aluno e do entendimento do professor quanto as características próprias desses discentes.

Sabendo que para avaliar o aluno que sofre desse transtorno é preciso acompanhamento pedagógico, e observação no desenvolvimento do aluno, faz lembrar Silva (2003) quando afirma que “a importância da avaliação é o “Apoio Técnico”, ou seja, pequenas medidas e atitudes que acabam por criar uma estrutura externa capaz de facilitar o cotidiano da pessoa com TDAH” (p. 195).

De acordo com esse mesmo autor, isso pode ser conseguido com a criação de rotinas que devem estabelecer aspectos essenciais como: estabelecer horários de maior produtividade, de repouso, de atividades físicas, de refeições; organizar cronogramas em relação as suas obrigações, projetos e lazer, criar o hábito de ter agenda para anotar sua rotina, usar sempre blocos e canetas para possíveis lembretes.

Para Mattos (2005), o professor deve avaliar sempre na perspectiva de melhorar o aprendizado de um aluno com TDAH, de manter uma rotina constante e previsível, ou seja,

uma criança com TDAH requer um meio estruturado que tenha regras claramente estabelecidas e que estabeleça limites ao seu comportamento (pois ela tem dificuldades de gerar sozinha essa estruturação e esse controle).

Esse mesmo autor ainda orienta evitar mudar horários o tempo todo, “trocar as regras do jogo” no que diz respeito às avaliações (uma hora vale uma coisa, outra hora outra), tendo em vista a dificuldade de adequação a regras, limites e rotina apresentada pelos hiperativos, características já apresentadas nesse presente artigo.

Angelo e Cross (1993) consideram que o professor precisa ter uma série de meios de avaliação, não muito longos e que possam ser usados de modo mais continuado no correr das aulas, criados e aplicados pelos próprios professores, e cuja finalidade seria fornecer ao professor uma informação frequente e contínua sobre o progresso acadêmico de seus alunos.

Vale salientar que ao avaliar seus alunos os professores estão avaliando a si mesmos, embora a maioria não tenha consciência disto ou admita isto, ou ainda, não queiram admitir. Aceitar e compreender essa realidade poderá ajudar os professores a procurar novos caminhos para trabalhar com o aluno hiperativo caso este não estejam obtendo êxito, e não colocar a “culpa” do não avanço desses alunos no diagnóstico do transtorno de déficit de atenção com hiperatividade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização da pesquisa foi possível perceber que o TDAH hoje é um dos temas mais estudados entre profissionais da área educacional e saúde com crianças em idade escolar, porém os professores devem tomar cuidado ao observar os sintomas de um aluno, pois ele poderá apenas encaminhar esse aluno para uma análise mais detalhada, jamais diagnosticá-lo. Toda criança que sofre de Hiperatividade deve passar por psicólogos para que o tratamento seja feito de forma adequada, e também para tentar tornar o aluno mais organizado dentro da sala de aula e no convívio familiar.

O diagnóstico deve ser clínico, e o tratamento do TDAH requer uma abordagem múltipla, englobando intervenções psicoterápicas e farmacológicas, e encaminhamento de crianças ao sistema de saúde. Cabe ao professor apenas descrever o comportamento e o desenvolvimento observado, sabendo que sua atuação deve ocorrer apenas no processo de aprendizagem, comportamento e emocional/afetivo, uma vez que a análise do aluno com TDAH precisa ser feita por profissional capacitado para tal trabalho.

Com a pesquisa, também foi possível observar que os fatores de impulsividade motora, a preservação de movimento, a falha na inibição e problemas de atenção, são justificados como sintomas do TDAH, assim como a falta de coordenação motora.

A partir das observações e leituras realizadas, é possível enfatizar a importância da formação dos professores, eles precisam ser mais preparados para atuar pedagogicamente correto, devendo também, manter comunicação com os pais, reconhecendo as deficiências e inabilidade decorrentes do TDAH, mas acreditando no potencial do aluno.

A análise dos dados mostrou, ainda, que a parceria entre família, equipe médica e escolar é considerada como fator principal para diagnosticar, cuidar e educar esse aluno. Assim, compreende-se que o objetivo do artigo foi alcançado, pois durante o trabalho foram discutidas questões referentes ao conhecimento dos sintomas que podem diagnosticar uma criança com Hiperatividade, frisando sempre que esse diagnóstico só poderá ser realizado, apenas com ajuda do profissional médico de preferência especializado no caso.

O artigo mostrou ainda um pouco da história da hiperatividade, e como trabalhar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos diagnosticados como hiperativos.

Dessa forma, foi possível concluir que, apesar dos professores já terem ouvido falar a respeito do transtorno, o aluno hiperativo ainda pode ter prejuízos em seu processo de aprendizagem, tendo em vista que a formação da maioria dos professores ainda não é suficiente para lidar com os vários desafios apresentados ao se trabalhar com essa clientela.

Diante do exposto, é possível afirmar que essa pesquisa se constitui instrumento importante a ser lido, analisado e refletido por profissionais da área da educação por abordar um tema tão relevante e pertinente a nossa realidade.

5.REFERÊNCIAS

APA. American Psychiatric Association (2000). **DSM-IV-R, Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais** (4ª ed. revisada). Lisboa: Climepsi.2000.

ANGELO, T. A.; CROSS, K. P. **Classroom assessment techniques: a handbook for college teachers**. (2nd. ed.). San Francisco, Jossey Bass, 1993.

BARKLEY, Russell A.. & colaboradores. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: manual para diagnóstico e tratamento**. 3ª Ed. – Porto Alegre: Artmed, 2008.

COARACY, Joana. **O planejamento como processo**. Revista Educação. 4º Ed., Brasília. 1972.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. 3. ed. Brasília, 2001.

CARDO E, Servera M, Vidal C, De Azua B, Redondo M, Riutort L, et al. **Influência de los diferentes criterios diagnósticos y la cultura en la prevalencia del trastorno por déficit de atención/hiperactividad**. Rev Neurol. 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra (Coleção Leitura), 1996.

ANDRADE, M. R.; DI PIERRO, M. C. **Programa nacional de educação na reforma agrária em perspectiva: dados básicos para uma avaliação**. São Paulo: Ação Educativa, 2004.

EIDT, Nádia Mara e TULESKI, Silvana Calvo. **Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade: Compreensão do Fenômeno a Partir da Psicologia Histórico-Cultural** Artigo: Publicação.Campinas, São Paulo. 2005.

GENTILE, P. **Indisciplinado ou Hiperativo**. Nova escola. São Paulo. Abril, p.30, maio, 2000.

GOLDSTEIN, S. Centro de Neurologia, **Aprendizagem e comportamento**. USA. Disponível em: Psicopedagogia on line-portal da educação e saúde mental.2004.

KENSKI, Vani Moreira. **Avaliação da aprendizagem**. In: VEIGA, Ilma Passos de Alencastro (Org.). Repensando a Didática. 10. ed. Campinas: Papirus, 1995.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

TAYLOR, E., Dopfner, M., Sergeant, J., Asherson, P., Banaschewski, T., Buitelaar, J., Coghill, D., Danckaerts, M., Rothenberger, A., Sonuga-Barke, E., Steinhausen, H. C., & Zuddas, A. **As diretrizes clínicas europeias para o transtorno hiperativo** - primeira atualização. Criança Europeia & Adolescent Psychiatry. 2004.

MARTINS, Pura Lúcia Oliver. **Conteúdos escolares: a quem compete a seleção e organização?** In: VEIGA, Ilma Passos de Alencastro (Org.). Repensando a Didática. 10. ed. Campinas: Papirus, 1995.

MATTOS, P. **No mundo da lua: Perguntas e respostas sobre transtorno do déficit de atenção com hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Lemos Editorial. 2005.

MUSZKAT, Mauro; MIRANDA, Mônica Carolina; RIZZUTTI, Sueli. **Educação e Saúde**. Transtorno do Déficit Atenção e hiperatividade. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PETRY, A. **Hiperatividade: Características e procedimentos básicos para amenizar as dificuldades**. Professor. Porto Alegre. Abril, p.47-48, juh/set, 1999.

ROHDE, L; BENCZIK, E. **Transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade: o que é? Como ajudar?** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SANTOS, Elenir Souza. **Trabalhando com alunos: subsídios e sugestões: o professor como**

mediador no processo ensino aprendizagem. Revista do Projeto Pedagógico; Revista Gestão Universitária, n. 40. 2013.

SILVA, A.B.B. **Mentes Inquietas**. 14^o ed. São Paulo: Gente, 2003

REUVEN Feuerstein, Rafael S. Feuerstein, Louis H. Falik. **Além da Inteligência Aprendizagem mediada e a capacidade de mudança do cérebro**. Rio de Janeiro. 1^a Edição. Editora Vozes. 2014.

VIGOTSKI, L. S. Manuscrito de 1929. **Educação e Sociedade**. Ano XXI, n.º 71, p. 21-44, jul. 2003.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.